

Os Warao no Tapanã e os arranjos sócio-organizacionais em contexto de deslocamento

The Warao in Tapanã and socio-organizational arrangements in the context of displacement

Los Warao en el Tapanã y los arreglos socio-organizativos en el contexto del desplazamiento

Walison Almeida Dias¹
Manoel Ribeiro de Moraes Junior²
Flávia Cristina Araújo Lucas³³

Resumo: Este artigo é resultante da pesquisa desenvolvida com a etnia Warao no abrigo municipal de Belém, localizado no bairro do Tapanã, focando no grupo liderado pelo Aidamo Valentin Perez. Objetiva-se compreender os arranjos sócio-organizacionais que constituem a identidade e a bagagem cultural dos ameríndios Warao em contexto de deslocamento pela Amazônia. Metodologicamente, este estudo baseia-se em dados etnográficos coletados ao longo de dois anos (2020-2022) pela pesquisa desenvolvida no âmbito de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (PPGCR) da Universidade do Estado do Pará (UEPA), que corresponde às entrevistas e análises de memórias e experiências vividas pelos Warao ao logo do seu processo de interiorização na Amazônia Paraense. O artigo contextualiza o campo de pesquisa, apresenta os dados coletados e interpretações, antecedendo discussões sobre religiosidade, saberes Warao, saúde e (des)territorialização em Belém/PA.

Palavras-chave: Warao, Arranjos Sócio-Organizacionais, (Des)Territorialização, Deslocamento.

Abstract: This article is the result of research conducted with the Warao ethnic group at the municipal shelter in Belém, located in the Tapanã neighborhood, focusing on the group led by Aidamo Valentin Perez. The objective is to understand the socio-organizational arrangements that consti-

¹ Possui graduação em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará (UEPA) e em Pedagogia pelo Centro Universitário UNIFAEL/GO; Mestrado em Ciências da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião na Universidade do Estado do Pará, na área de concentração de Religião, Cultura e Sociedade (PPGCR/UEPA). Está em fase de doutoramento pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará (PPGP-IFCH/UFPA). Email: walison.dias@ifch.ufpa.br

² Professor da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Possui Formação em Filosofia (UERJ - 1997) e Teologia (STBSB - 2003), Mestrado em Filosofia (UERJ - 2001) e Doutorado em Ciências da Religião (UMESP - 2010). Concluiu estágios de pós-doc em Filosofia (PPGFIL-UERJ. 2013), em Ciências Sociais da Religião (CeSóR/EHESS, 2015, França) e em Antropologia Cultural (PPGS-UFPA, 2019, sob a orientação do Dr. Heraldo Maués). Email: manoelmoraes@uepa.br

³ Graduada em Ciências Biológicas, pela Universidade Federal do Pará e Mestrado em Agronomia, Biologia Vegetal Tropical pela Universidade Federal Rural da Amazônia. Tem Doutorado em Ciências Biológicas pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA, Núcleo de Biologia Tropical e Recursos Naturais, Manaus-AM. Pós-doutorado pela Faculdade de Farmácia, Observatório Interação Planta-Medicamento, Universidade de Coimbra, Portugal. Email: copaldoc@yahoo.com.br

tute the identity and cultural baggage of the Warao Amerindians in the context of displacement through the Amazon. Methodologically, this study is based on ethnographic data collected over two years through research conducted as part of a master's program in the Graduate Program in Religious Sciences (PPGCR) at the State University of Pará (UEPA), which includes interviews and analyses of memories and experiences lived by the Warao throughout their process of settling in the Pará Amazon. The article contextualizes the research field, presents the collected data and interpretations, preceding discussions on religiosity, Warao knowledge, health, and (de)territorialization in Belém, Pará.

Keyword: Warao; socio-organizational arrangements; (de)territorialization, displacement.

Resumen: Este artículo es el resultado de la investigación desarrollada con la etnia Warao en el albergue municipal de Belém, ubicado en el barrio de Tapanã, centrándose en el grupo liderado por Aidamo Valentin Perez. El objetivo es comprender los arreglos socio-organizacionales que constituyen la identidad y el bagaje cultural de los amerindios Warao en el contexto de su desplazamiento por la Amazonía. Metodológicamente, este estudio se basa en datos etnográficos recopilados durante dos años (2020-2022) a través de la investigación realizada en el marco de una maestría en el Programa de Posgrado en Ciencias de la Religión (PPGCR) de la Universidad del Estado de Pará (UEPA), que incluye entrevistas y análisis de recuerdos y experiencias vividas por los Warao a lo largo de su proceso de interiorización en la Amazonía Paraense. El artículo contextualiza el campo de investigación, presenta los datos recopilados e interpretaciones, precediendo discusiones sobre religiosidad, conocimientos Warao, salud y (des)territorialización en Belém/PA.

Palabras-clave: Warao; Arreglos socio-organizacionales; (des)territorialización, Desplazamiento.

Introdução

Este artigo resulta de uma pesquisa desenvolvida com a etnia Warao no abrigo municipal de Belém, localizado no bairro do Tapanã, focando no grupo liderado pelo Aidamo Valentin Perez. O objetivo é abordar o processo de deslocamento das comunidades Warao na cidade de Belém e sua relação com práticas auto-organizacionais. Pretende-se também retratar a necessidade de um espaço de proteção biocultural para esse povo, bem como os conflitos enfrentados em meio ao corpo social belemense. Será realizada uma análise das adversidades existenciais enfrentadas pela população Warao em duas frentes distintas: A primeira, diz respeito à adaptabilidade desses ameríndios às novas moradias, uma vez que o ambiente local é caracterizado pela ausência de vegetação, aridez, calor, pouca ventilação e fragilidade em termos de acolhimento. A biodiversidade, composta pela fauna, flora e outros atributos paisagísticos (solo, terra, água), é fundamental como referência e ritmo de vida, na qual o espaço de abrigo rompe abruptamente com os hábitos

culturais dos grupos Warao.

Apesar desses desafios, a bioculturalidade Warao sobrevive, manifestando-se por meio de rezas silenciosas, artesanatos milenares e práticas religiosas. Essas expressões representam um esforço espiritual para resgatar o senso de pertencimento. Mesmo em um ambiente de confinamento, as comunidades buscam elementos de bem-viver semelhantes aos praticados em seus ambientes tradicionais.

A segunda perspectiva adotada neste artigo consiste em uma releitura do homem e da natureza, concebidos simultaneamente como entidades que estão dentro e fora do ser, o que caracteriza uma dimensão ontológica e de bioculturalidade. Essas concepções permitem o acesso aos modos de vida por meio de um exercício físico, mental e espiritual, que visa uma ecologia orientada para a biodiversidade do espaço. Assim, os Warao procuram manifestar sua religiosidade, identidade, hábitos e costumes utilizando as possibilidades acessíveis e transformando-as em linguagem por meio de seus corpos.

Além disso, o conceito de biocultural, neste artigo busca expressar a forma como os Warao reinterpretam um ambiente árido e desprovido de biodiversidade, utilizando a linguagem religiosa como meio de resgate de suas tradições, do sentimento de coletividade, natureza e identidade, onde a bioculturalidade é entendida como a capacidade de ressignificar o eu e o espaço. Assim, um dos objetivos deste estudo é compreender os modos de vida dos Warao e a carga cultural que esses sujeitos carregam consigo. Para isso, a reflexão que se propõe está organizada em quatro partes fundamentais. A primeira apresenta uma visão geral do campo de pesquisa; A segunda descreve as organizações sobrepostas no abrigo e suas relações comunitárias; A terceira parte aborda os arranjos sócio-organizacionais das comunidades Warao, com destaque para a comunidade liderada pelo Aidamo Valentin Perez, e A quarta e última parte analisa as narrativas e identidades dos Warao e como eles estão inseridos no espaço no abrigo do Tapanã.

Metodologicamente, este estudo baseia-se na interpretação dos dados etnográficos coletados nos últimos dois anos (2020-2022) na comunidade liderada pelo Aidamo Valentin Perez, residente no abrigo do Tapanã, bem como nos documentos coletados em parceria com a ACNUR-ONU e outros órgãos públicos. Os dados apresentados são resultados do método etnográfico, coletados por meio de ferramentas de história oral, com foco em entrevistas e percepções dos eventos e circunstâncias, analisando memórias e experiências como dados primários para compreender o contexto, a cultura e os sujeitos em destaque.

Além disso, esse artigo reflete o contexto geral do campo de pesquisa, suas nuances e sujeitos, apresentando os dados coletados e interpretados como base para uma discussão mais aprofundada sobre a religiosidade e os saberes bioculturais dos Warao, manifestados nas dimensões do corpo, saúde e nas questões sociais de (des)territorialização na cidade de Belém/PA.

Este artigo é derivado de um projeto guarda-chuva mais amplo, intitulado “Tradições Bioculturais em Circunstâncias Migratórias: um estudo de caso com ameríndios Warao na cidade de Belém, Pará” e foi acompanhado pelos dispositivos da Plataforma Brasil, garantindo a integridade Humana e a Ética em pesquisa, na qual possui Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) sob o nº 44641421.8.0000.5174 e parecer nº 5.433.970, emitido pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa.

Metodologia

Buscou-se empregar a metodologia da pesquisa qualitativa, que “pauta-se nos estudos e na interpretação do mundo real, preocupando-se com o caráter hermenêutico na tarefa de pesquisar sobre a experiência vivida dos seres humanos” (Oliveira, 1972). As técnicas utilizadas para a coleta de dados incluem: I) observação direta intensiva; II) entrevistas livres e semi-estruturadas; III) gravação em áudio; IV) coleta de histórias de vida, além do uso de fotografias, compõem os

instrumentos metodológicos da pesquisa.

Para complementar as informações das histórias de vida, os participantes foram questionados sobre “como se enxergam, se autodeterminam e se conceituam”, considerando que essas indagações perpassam a concepção do “eu” e, portanto, estão intrinsicamente ligadas à ideia de modos de vida, comunidade e identidade, recorrendo à memória para a construção e narrativa de quem esses sujeitos são.

Para contribuir com a discussão dos resultados, foi elaborada uma matriz SWOT (*Strengths, Weaknesses, Opportunities e Threats*), que identificou as Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças a partir das vivências no campo de pesquisa e no acompanhamento das mobilidades dos sujeitos pelo território Amazônico. Esse tipo de análise qualitativa traz resultados importantes para a identificação de lacunas e potencialidades, bem como para a adoção de incentivos às comunidades envolvidas.

A análise das diferenças e das similaridades foi realizada por meio da Análise por Componente Principal (PCA), Análise de Agrupamento Hierárquico (HCA) e coeficiente de correlação de Pearson, utilizando a hierarquia de cluster e o método de ligação única com a distância euclidiana, sendo possível a elaboração de uma matriz de referência a partir da quantificação de cada pergunta e resposta obtida pela aplicação dos questionários semiestruturados, compostos por 5 amostras (participantes) e 41 variáveis. Esses dados foram utilizados para gerar os gráficos dos *scores* (biplot) e dos pesos (loadings), processados pelos softwares *PAST (Paleontological Statistics Software Package for Education and Data Analysis, version 3.14, Hammer et al., 2001)* e Minitab 19, desenvolvido pela Adobe S.A.

Apresentação geral do campo de pesquisa

O Tapanã é um bairro localizado entre as avenidas Augusto Montenegro e Arthur Bernar-

des, acessado pela estrada do Tapanã e pela rua Padre Bruno Sechi (antiga rua Yamada). Histórias locais indicam que o surgimento do bairro está ligado à invasão de uma fazenda no final do século XIX por Sem-Terra (MST). Outras versões apontam que sua origem tem forte relação com a Segunda Guerra Mundial, quando a região serviu de hospedagem para imigrantes durante o auge da borracha, além de soldados que chegavam pelos trilhos da ferrovia Belém-Bragança.

O nome do bairro derivaria de um albergue na área conhecida como “Hospedagem Tapanã”, muitas vezes chamada de “Hospedagem do Inferno” ou “Hospedagem do Diabo” devido à sua distância do centro de Belém. Este alojamento foi, provavelmente, construído em 1942 pelo Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA), destinado a abrigar imigrantes durante o período da Borracha na Segunda Guerra Mundial (Castro, 2021).

Os residentes da “Hospedagem Tapanã” aguardavam a distribuição de empregos pela Amazônia. Eles eram alojados em grandes instalações insalubres, propensas ao agravamento e proliferação de doenças como malária, tifo, tuberculose e outras infecções. Além disso, enfrentavam fome e morte como parte de suas experiências diárias, vivendo em condições degradantes e sob constante vigilância policial (Castro, 2021).

Com o término da Segunda Guerra Mundial e o declínio da era da borracha, o Tapanã se transformou em um lugar esquecido, onde soldados, seringueiros e imigrantes que buscavam fortuna na Amazônia não puderam retornar às suas terras de origem, sendo obrigados a estabelecer moradia na região, dando origem ao bairro do Tapanã. Mesmo após a guerra, a “Hospedagem do Diabo” continuou recebendo imigrantes cearenses até meados da década de 1950. Segundo o jornal cearense Gazeta de Notícias, “cerca de 63.000 nordestinos passaram por este alojamento entre 1942 e 1953. Em torno desse antigo ponto de pouso, a ocupação se intensificou, culminando na formação do bairro Tapanã” (Castro, 2021).

Desta forma, o bairro emerge marcado pela memória de doenças epidêmicas, fome e aban-

dono, crescendo lentamente diante da escassez de registros históricos, e caracterizado pela pobreza, exclusão e desigualdade social. Este cenário contrasta com a expansão urbana da região, onde é possível encontrar vários conjuntos habitacionais e condomínios de classe média.

Refletir sobre o processo de formação do bairro do Tapanã levanta diversas questões sobre a adaptação de um abrigo para imigrantes ameríndios nesta localidade. Seria uma tentativa de marginalização desses grupos devido à sua localização periférica em relação ao centro urbano de Belém? Acaso o abrigo municipal compartilha semelhanças com a antiga Hospedagem do Inferno, sendo ambas insalubres e inadequadas para habitação? Se estas premissas estiverem corretas, então é provável presumir que as comunidades Warao não retornem aos seus territórios de origem, ficando destinadas à ocupação de áreas irregulares para construir suas moradias.

É inegável que há uma notável semelhança entre o processo de formação do bairro com a adaptação do abrigo municipal nas proximidades, que lembra, em muito, um campo de concentração - onde indivíduos indesejados, sem um papel político e social definido, são reunidos e vigiados, limitando ao máximo sua circulação em espaços onde outros grupos exercem seus direitos.

Além dessas conjecturas, o abrigo municipal está localizado a poucos metros do cemitério do Tapanã (Figura 1) e foi estabelecido em parceria com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), Prefeitura de Belém e o Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), sendo gerido pela Fundação Papa João XXIII (FUNPA-PA). O local é próximo à rodovia Arthur Bernardes e cercado por empreendimentos e galpões abandonados, o que cria uma sensação de abandono e esquecimento.

dade humana. Essa iniciativa se apresenta como uma resposta paliativa à vulnerabilidade desses grupos. Em contrapartida, configura-se como uma medida necessária, uma vez que o fluxo migratório desses grupos para Belém/PA crescia.

Todo esse contexto foi agravado com a disseminação da pandemia de covid-19 pelo mundo, que exigiu dos estados e municípios políticas públicas emergenciais para o abrigo da etnia. No início dos processos de institucionalização das famílias, em 2020, os galpões alugados comportavam pouco mais de 400 pessoas, sendo priorizados os grupos que já eram assistidos pelo município, além daqueles que residiam em pensões no bairro da Cidade Velha e na Campos Sales.

[...] A partir de então, nosso trabalho consistia em administrar, não só teto e comida, mas em compreender as necessidades socioassistenciais e documentais que esse grupo tinha (José Albarrán López, intérprete, 2020).

A centralização dos Warao no abrigo do Tapanã tinha como objetivo não apenas o alojamento, mas também o acompanhamento e a garantia de acesso à saúde, documentação, atendimento social, educacional e outras necessidades que surgiram ao longo dos anos. Embora isso dependesse das parcerias e das vontades políticas, muitas alternativas se mostraram eficazes nesse sentido.

Os trabalhos desenvolvidos no abrigo possibilitaram a valorização cultural da etnia, por meio da realização de atividades voltadas para uma melhor integração social, como oficinas de pintura, artesanato, soldagem e panificação. A parceria com Centros Universitários, a Universidade Federal do Pará (UFPA), o Instituto Federal do Pará (IFPA) e o Núcleo de Formação Indígena da Universidade do Estado do Pará (NUFI-UEPA) possibilitou a ampliação das redes de colaboração, visando à formação técnica para uma inserção rápida dos Warao no mercado de trabalho.

[...] a gente decidiu buscar parceiros, para melhorar nosso plano, enriquecê-los com a experiência de outras instituições ou academias... nas universidades, buscamos aquelas pessoas que sabíamos que tinham aquela experiência trabalhando com comunidades tradicionais indígenas, mesmo que não fosse Warao. O fato de ter a sensibilidade ajudaria muito nossa equipe e nos possibilitaria encaminhar melhor nosso atendimento mais assertivo (José Albarrán López, intérprete, 2020).

Tudo isso proporcionou um cuidado maior com as situações em que os Warao se encontravam. Nesse contexto, buscou-se, a cada dia, atender de maneira mais eficaz aos aspectos da saúde mental, biológica e a uma adaptação menos violenta à cultura paraense. As capacitações técnicas que os Warao recebem dentro do abrigo do Tapanã (Figura 2) auxiliam na assistência, recepção e gestão do abrigo, onde os Warao colaboram na tradução, acolhimento e adaptação de novos grupos ao espaço.

“[...] depois que eu cheguei aqui eu fui chamado dizendo que tinha um emprego para mim, um emprego de monitor de saúde para ajudar a levar os outros parentes no médico, ajudando na tradução do Warao para o português” (Sr. Valentin Perez, 2022).

As relações entre os Warao e a gestão do abrigo facilitam a comunicação entre os dois grupos (Warao e servidores públicos), o que reflete as relações de poder dentro do espaço. A gestão composta pelos “não Warao” (como são denominados os que não pertencem à etnia) e pelos próprios ameríndios veem, nessas trocas, uma possibilidade de exercer suas influências sobre as regras de gerenciamento.

Figura 2: Abrigo municipal do Tapanã



Fonte: Dados dos autores.

Com o passar dos anos, o abrigo municipal do Tapanã serviu de referência no acolhimento dos Warao na região norte do País, e isso se deve às parcerias com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR-ONU),

Ministério Público Federal (MPF), Ministério Público do Estado do Pará (MPPA), Defensoria Pública da União (DPU) e as Secretarias de Saúde (SESPA) e educação (SEDUC/PA), bem como com as Universidades Federal e do Estado do Pará (UFPA e UEPA) que atuam na formação de políticas públicas e de assessoramento para o contexto de deslocamentos forçados de comunidades indígenas.

O abrigo funciona de forma institucionalizada com a presença e assessoramento de equipe técnica 24h, além de controle de entrada e saída dos Warao. O sistema de gestão do abrigo atua com técnicos cuidando de um número específico de famílias divididas por galpões, no qual todas as demandas das famílias são organizadas e repassadas para a direção do abrigo que, junto aos servidores, sistematizam as estratégias de atuação e de assistências.

A equipe gestão do espaço ainda conta com profissionais da área de educação que desenvolvem atividades lúdicas com as crianças e elaboram relatórios das necessidades pedagógicas desse público. A partir dessa estrutura, visa-se um acompanhamento social dos Warao, as quais elaboram/criam projetos para atender às famílias e oferecer uma instrumentalização pedagógica para crianças, adolescentes e jovens residentes no abrigo.

Durante o período de desenvolvimento da pesquisa, identificaram-se embates entre famílias e grupos clânicos que comandam alguns setores do abrigo, influenciando outras pessoas, bem como conflitos com a própria gestão do espaço. Nesse cenário, chocam-se duas visões territorializantes: o abrigo como casa dos Warao, como exemplifica Aidamo Valentin: “[...] estamos aqui no Tapanã, nessa comunidade Warao, nesse hanoko – hanoko significa nossa casa, nosso lugar” (Sr. Valentin Perez, 2022); e o abrigo como um espaço de capacitação, humanização, normatização e passagem, uma perspectiva muito imposta pela gestão.

Essas duas visões se inter cruzam, uma vez que ambos os grupos buscam exercer maior influência e dominar as formas de comportamento e gerenciamento do espaço. Embora os Warao não

se sintam satisfeitos com os tratamentos recebidos por parte da gestão, os mesmos estão dispostos a lutar por autonomia e gerenciamento do abrigo do Tapanã, tornando difícil afirmar se algum dia esses grupos renunciarão à convivência e às “vantagens” que esse espaço proporciona.

Análise dos dados

Nos deslocamentos dos Warao pela região Norte do Brasil, a identidade foi sendo modificada. A vida na cidade exigiu que se adaptassem às peculiaridades do mundo globalizado e as estadias fora da capital pressionaram os indígenas a criarem estratégias de autoproteção contra as ameaças de outros grupos, do agronegócio e do garimpo ilegal. Na verdade, a resiliência tornou-se a palavra-chave para essa população.

Durante os anos de desenvolvimento desta pesquisa, buscou-se identificar as formas de auto-organização dos Warao no abrigo municipal do Tapanã e como esses indivíduos criam essas estratégias de proteção comunitária, manutenção das identidades, das expressões idiomáticas e de suas narrativas, além de como elas se relacionam com as dimensões do corpo.

Essas formas de organização das comunidades Warao no abrigo refletem suas interações e autogestão em meio às complexidades de resiliência e biomas diferentes dos seus territórios tradicionais. Dentro do espaço de abrigo, foram identificadas três relações de auto-organização dos Warao (Tabela 1), refletindo diferentes perspectivas de uso e interação do espaço.

Tabela 1: A auto-organização dos Warao no abrigo do Tapanã

Organizações familiares	Normalmente configuram-se por agrupamentos que pertencem ao mesmo tronco comunitário de forma consanguínea e de relações parentais por meio de casamentos, em que o poder se centra na figura masculina de um Aidamo.
Organizações grupais	Pequenos nichos familiares distintos de relações parentais, organizados em torno de lideranças carismáticas, disputando o poder entre si. São grupos que surgem nos contextos de deslocamento e formando uma comunidade heterogênea nas suas formas de auto-organização, de expressão idiomática e de ocupação de espaços.
Organizações clânicas	Pequenos nichos familiares distintos de relações parentais, organizados em torno de um núcleo familiar consanguíneo e mais homogêneo nas suas relações, os quais exercem influência sobre o espaço e seus agregados. Normalmente, suas lideranças são articuladas e têm fortes discursos retóricos contra o sistema de gestão, nos quais muitas vezes funcionam como um poder paralelo nos espaços do abrigo.

Fonte: Dados dos autores.

As formas de organização familiares dos Warao evidenciam uma base de princípios da coletividade, na qual elas se movimentam em prol de regras comuns inteligíveis apenas para os membros do grupo. Constituídos em torno de saberes mantidos pelos anciãos e lideranças, as famílias organizam suas formas de coleta, de ocupação de espaços e tomam decisões em âmbitos gerais, visando sempre a proteção dos parentes. Não obstante, essas famílias conservam as características de serem grupos numerosos que fazem parte do mesmo tronco parental. Nessa perspectiva, o Aidamo da família desempenha a função de zelar, tomar decisões gerais e cuidar do bem-estar da comunidade, sendo que ele organiza, divide as funções e mantém os hábitos e costumes do coletivo vivo, rememorando sempre comportamentos tais como se faziam em seus territórios tradicionais.

Em contrapartida, as formas de organização grupal apresentam uma complexidade, haja vista que se figuram como um coletivo de ameríndios que tem uma centralidade em lideranças carismáticas, compreendidas como àqueles que agenciam as formas de ocupação, as pautas e reivindicações dos grupos. Muitas vezes, essas lideranças manipulam as necessidades dos Warao contra a gestão do abrigo, tencionando o poder na busca de legitimação de suas identidades en-

quanto porta-vozes de suas comunidades.

Essas lideranças ainda disputam o poder com outros sujeitos dentro da comunidade, tornando-se comum a expansão de suas influências por meio do discurso religioso ao se autodeclararem Wizirato - bruxos ou lideranças, nomeações as quais são legitimadas pelo apoio das famílias. Assim, para que cada sujeito consiga sobrepor seus ideais, é necessário vencer seus iguais, conquistar o apoio das famílias e fazer frente à gestão do abrigo em um discurso incisivo e xenofóbico. Nesse momento, os papéis se invertem e os não-Warao acabam sendo lidos como sujeitos sem local de fala nessas disputas, nas quais se procura e tenta, em parte, encontrar seu equilíbrio antigo sob novas condições, de modo que o espaço de abrigo é ressignificado em um novo território Warao, prevalecendo formas culturais, de identidade e de proteção coletiva, tornando ilegítima a estrutura de gerenciamento do espaço, pois isso só pode ser possível por meio do discurso, do controle político nos galpões e do apoio dos nichos familiares.

Aqui as formas de organizações clânicas apresentam algumas semelhanças com as grupais, e isso se deve aos mesmos mecanismos de legitimação das lideranças. No entanto, o principal ponto de referência está na distância das formas de organização grupal em que os clãs dentro do abrigo do Tapanã são formas mais sofisticadas de controle político, derivada de uma evolução das formas de organização grupal, no qual, é aceitável dizer que todo clã dentro do abrigo evoluiu das formas de organização grupal, mas que nem todo grupo, por mais articulado que seja, desenvolverá uma estrutura clânica.

Muitas famílias Warao que não se submetem aos controles políticos dos grupos ou dos clãs acabam saindo do espaço de abrigo, rompendo com o controle da liderança e buscando novos lugares para fazerem suas moradias, o que resultam em três características: a interiorização dessas famílias pelo bairro do Tapanã, a volta para as ruas e a ocupação e o retorno para as pensões deterioradas no bairro da cidade velha.

Ao longo deste estudo etnográfico identificou-se cinco (05) tipos de auto-organização dos Warao, considerando àqueles que saíram do espaço de abrigo e de outras comunidades que não conseguiram vagas para residirem no espaço do Tapanã. Várias destas formas de autogerenciamento elucidam suas interpretações do território, do tempo, da comunidade e de suas necessidades mais latentes.

Nessas formas de auto-organização dos Warao (Figura 3) é possível identificar um potencial de resiliência, quando se intensificam suas presenças por toda a cidade de Belém, irradiadas a partir das relações comunitárias tecidas no espaço de abrigo, de suas espiritualidades, cosmologias e ressignificações na busca de um bem viver integrado a um forte sentimento de proteção comunitário. Portanto, as formas de ocupar e reocupar espaços têm muito mais a relação com a noção de corpo e identidade, do que propriamente de territorialidade.

Figura 3: As auto-organizações dos Warao observadas a partir das dinâmicas de ambientação desses grupos



Fonte: Dados dos autores.

Antes de todo o processo migratório da etnia Warao, a auto-organização desses grupos priorizava uma formação parental em torno do território da família da esposa, de forma que as relações de casamento estabelecessem uma adoção dos costumes, da religiosidade, das expressões idiomáticas e dos mitos pertencentes à mulher, criando uma comunidade doméstica, heterogênea e

de valores matriarcais, nos quais chegavam “a um total de 200 a 300 pessoas, que, apesar de terem diferentes origens, se reconhecem como unidade” (ACNUR, 2020).

Embora se fale de Warao enquanto unidade étnica patriarcal, há de se levar em conta a heterogeneidade na formação desses grupos no processo de deslocamento. Muitas dessas comunidades variam de acordo com a região, idioma e narrativas cosmológicas, sendo estas tão distintas que impactam na formação identitária e cultural desses sujeitos.

Essa heterogeneidade reflete as auto-organizações dos Warao em contextos de mobilidade visto que o espaço, o tempo, as relações parentais e de comunidade são ressignificadas em novos contextos que recriam as narrativas de si. Assim, é necessário compreender que as formas de organização das famílias Warao dentro do abrigo do Tapanã refletem comunidades diversas e que fazem desse espaço sua moradia, na qual as relações são mediadas pelos embates de poder e controle social que se estabelece entre a gestão do abrigo, as comunidades, os clãs e os Aidamos de cada unidade familiar.

Em contrapartida temos os Warao autogerenciados – considerados como nichos familiares ou comunidades fora do espaço de abrigo que, ao chegarem à capital, procuram (ou não) os espaços dedicados aos refugiados. São ameríndios que buscam sua autonomia ao mesmo tempo que reconhecem seu estado de fragilidade humana e social, decidem por conta própria alugar pensões para habitarem e constroem novas relações. Normalmente, esses espaços estão situados no bairro da Cidade Velha, áreas próximas ao comércio, e periferias.

Resultados e discussão

Viver fora de seu país transforma todo aquele que passa por essa experiência, quer se adapte ou não à cultura anfitriã. Essa dimensão impacta nas formas como o sujeito interage com o mundo, mudando por vezes suas cosmovisões, seu estado físico, intelectual e emocional.

[...] A forma como cada um enfrenta os obstáculos que se apresentam depende de muitos fatores e circunstâncias dos membros envolvidos, tais como a idade das pessoas, o ciclo de vida da família e as motivações salariais, dentre outros. Ao se mudarem para novos ambientes, as famílias tendem a incorporar valores e tradições da cultura anfitriã que competirão com a sua própria, gerando, assim, choques culturais (Santos, Ortolan, Silva, p. 14).

Na dimensão da cultura, o sujeito é levado a recriar seus comportamentos expressos pelas linguagens, pelos gestos, hábitos e costumes na busca de aceitação, fazendo da adaptação um processo menos doloroso, sendo “capaz de manter uma tradição por meio da contínua agregação de novos elementos” (Toledo, 2015, p. 10). O que acontece com os Warao é uma tentativa de discriminar o que é específico da cultura local e o que seria característico de sua própria personalidade e, nesse processo, a religião se faz de extrema importância, uma vez que ela é compreendida como a dimensão que administra as fragilidades da vida humana – como a morte, doenças, fome, as enchentes, os fracassos [...] a religião dá segurança e significado em um mundo que “vistos em termos naturalistas, parece estar cheio do imprevisível, do inconstante e do acidentalmente trágico” (Kluckhohn, 1942 *apud* Keesing, Strathern, 2014, p. 65).

Neste processo, os arranjos sócio-organizacionais da etnia refletem a resignificação do espaço e de suas estratégias de sobrevivência, uma vez que surgem demandas específicas inerentes ao fluxo migratório desses sujeitos. Assim, a criação de estratégias para o trabalho, a educação, saúde, religiosidade, em contextos de refúgio, acabam aparecendo no limite da “integração entre ecologia e espiritualidades, entre as diversas cosmovisões que sustentam as origens cosmogônicas dos seres humanos” (Neto, 2020, p. 9), estes mesmos arranjos refletem a demarcação de status e papéis ao reivindicar uma identidade coletiva que é cada vez mais potencializada nas linguagens religiosas de partilha e comunhão social.

Em vista disso, essa pesquisa identificou seis (06) tipos de arranjos sócio-organizacionais (Figura 3) presentes entre os Warao do abrigo no Tapanã, que reflete os saberes bioculturais desses indivíduos bem como as formas de organização da comunidade.

Figura 3: Os arranjos sócio-organizacionais dos Warao no abrigo do Tapanã



Fonte: Dados dos autores.

Destaca-se uma vez mais que o tipo de organização econômica da etnia Warao antecede a globalização e a crise humanitária de imigração que esses sujeitos se inserem. Em geral, os Warao praticavam uma economia de subsistência como coletores, pescadores, agricultores e caçadores. Dados históricos apontam para uma atividade extrativista desde o século XX, proveniente de deslocamentos sazonais orientados pelo ciclo das cheias do Orinoco. “Esses deslocamentos podiam alcançar até 120 quilômetros de distância, durando em média dois meses” (ACNUR, 2021, p. 10). Assim, os Warao percorriam uma região em busca de alimentos, acampando em provisões temporárias no ceio da floresta amazônica.

É somente depois da interiorização das campanhas coloniais e do assentamento católico com os Jesuítas e outras missões, que os Warao mudaram seus hábitos de coleta e alteraram suas formas de assentamento, passando para uma economia agrícola:

[...] baseada no cultivo de ocumo chino (*Colocasia esculenta*), iniciando as transformações sociais mais expressivas no modo de vida Warao, alterando o padrão de assentamento, a organização social e contribuindo para os primeiros deslocamentos para os povoados urbanos no entorno do delta (ACNUR, 2021).

Destarte, as movimentações internas fazem parte da configuração cultural desta etnia, uma vez que os Warao estão acostumados a se moverem em florestas e pântanos em busca de alimentos

e da yuruma, um amido extraído do buriti (moriche, morich ou murich) (*Mauritia flexuosa*), árvore fundamental para a etnia, considerada a árvore da vida, na qual dela provém a maioria das necessidades do grupo, desde alimentícias até a matéria para o artesanato como redes, chapéus e cestaria.

[...] A árvore é uma das maiores palmeiras da Amazônia, possuindo de 30 a 50 centímetros de diâmetro e de 20 a 35 metros de altura. Oferece um fruto nutritivo importante para as pessoas e animais da região. A distribuição geográfica do buritizeiro abrange toda a região amazônica, o Norte da América do Sul e estendesse pelo Nordeste e Centro-Sul do Brasil. Essa palmeira prefere áreas alagadas, igapós, beira de igarapés e rios, onde é encontrada em grandes concentrações (Cymerys, Fernandes, Azevedo, 2005, p. 12).

Os insetos e larvas desta árvore detêm um forte valor nutricional, usados para alimentar as crianças e torná-las fortes, o que dá fundamento à narrativa do “Warao puro”, aquele que veio do monte, alimentado como os antigos. O que destoa desse ideal narrativo é considerado o Warao fraco, o totalmente outro, estranho, não considerado ameríndio Warao verdadeiro.

Considerações finais

No que diz respeito ao conjunto de normas, valores, crenças etc. de auto-organização dos Warao, deve-se ter em conta que elas se referem à saberes mais característicos e universais para a etnia, os quais configuram uma moral que deve ser seguida em prol da boa convivência. Percebeu-se que esses códigos morais foram fundamentais no processo de aglutinação dos núcleos familiares para formarem estruturas mais homogêneas. Graças a isso, eles conseguiram não só formar novas comunidades, mas manter as ontologias que os distingue.

Identificou-se, ainda, que o papel da liderança para estes grupos é mais do que respeito e carisma, é um reconhecimento que parte do coletivo, já que são estes sujeitos que lhe figuram autoridade e subordinação. Por meio desses códigos de conduta é possível identificar a estrutura social e os comportamentos desses sujeitos. Assim, esses saberes dos Warao colocam as lideranças na condição de juiz, rei e capitão (expressão utilizada por eles) que tem por dever gerenciar a boa vivência.

Compreende-se, assim, que as leis de auto-organização dos Warao são categorias de pensamento que normatizam as vivências destes sujeitos em diferentes comunidades - dentro dos limites éticos e morais que eles julgam aceitáveis, não podendo compará-los com outros grupos ameríndios ou até mesmo com o de imigrantes, levando em consideração suas peculiaridades nas formas de educar, organizar a comunidade, dividir o poder, sistematizar funções.

Referências bibliográficas

ACNUR. Auto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. **Vozes das Pessoas Refugiadas no Brasil: Diagnósticos Participativos do ACNUR**. 2020.

ACNUR. Auto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. **Mid-Year Trends**, 2021.

_____. Auto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. **Os Warao no Brasil: Contribuições da antropologia para a proteção de indígenas refugiados e migrantes**. 2021.

_____. Auto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. **Relatório Semestral ACNUR**, Belém. Relatório de Atividades. Agosto-Dezembro, 2021.

_____. Auto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. Relatório Semestral ACNUR. **Cartilha sobre acesso à terra e moradia para pessoas refugiadas e migrantes no Brasil**. Dezembro, 2021.

CASTRO, L. Lugares de Memória dos Trabalhadores #44: Hospedaria Tapanã, Belém (PA). **Laboratório de Estudos de História dos Mundos do Trabalho (EHM)**. Disponível em: <<https://lehmt.org/lugares-de-memoria-dos-trabalhadores-44-hospedaria-tapana-belem-pa-lara-de-castro/>>. Acesso em: out. 2021.

CYMERYS, M. FERNANDES, N.M. AZEVEDO, O.C. Buriti: Mauritia flexuosa L.f. In: SHANLEY, Patricia; MEDINA, Gabriel (Ed.). **Frutíferas e plantas úteis na vida amazônica**. Cifor, 2005. Pag. 183-190.

HALBWACHS. M. **Memória Coletiva**. 2ª. Ed. Edições Vértice. São Paulo, 1990.

KEESING, R.M. STRATHERN, A.J. **Antropologia Cultural: Uma perspectiva contemporânea**. 1ª. Ed. Vozes. Petropolis. Rio de Janeiro, 2014.

LEACH, E.R. Culture and Communication: The logic by which symbols are connected. Cambridge. Cambridge University Press, 1976.

NETO. E.M. Ecologia Espiritual e Patrimônio Biocultural. **Travessias**. Cascavel, v. 14, n. 1, p. 14-23, jan-abr. 2020.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Povos indígenas e mudança sócio-cultural na Amazônia**. Série Antropologia 1. Rio Janeiro: Tempo Brasileiro, 1972. Em: <http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie001em.pdf>. Acessado em 10/12/ 2019.

_____. **Ação indigenista, eticidade e o diálogo interétnico**. Rev. Estudos Avançados. 2000.

SANTOS, Sandro Martins de Almeida; ORTOLAN, Maria Helena; SILVA, Sidney Antônio da. **“Índios imigrantes” ou “imigrantes índios”?** Os Warao no Brasil e a necessidade de políticas migratórias indigenistas. Em: <http://www.31rba.abant.org.br/arquivo/downloadpublico>. Acessado em 11/12/2019. científiques, 2011. p.210-20.

TOLEDO, Víctor M. e BARREIRA-BASSOLS, Narciso. **A Memória Biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.